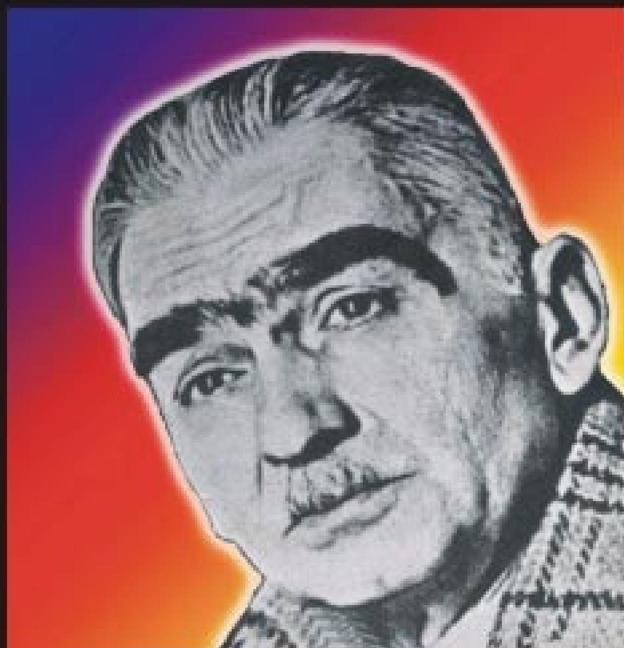
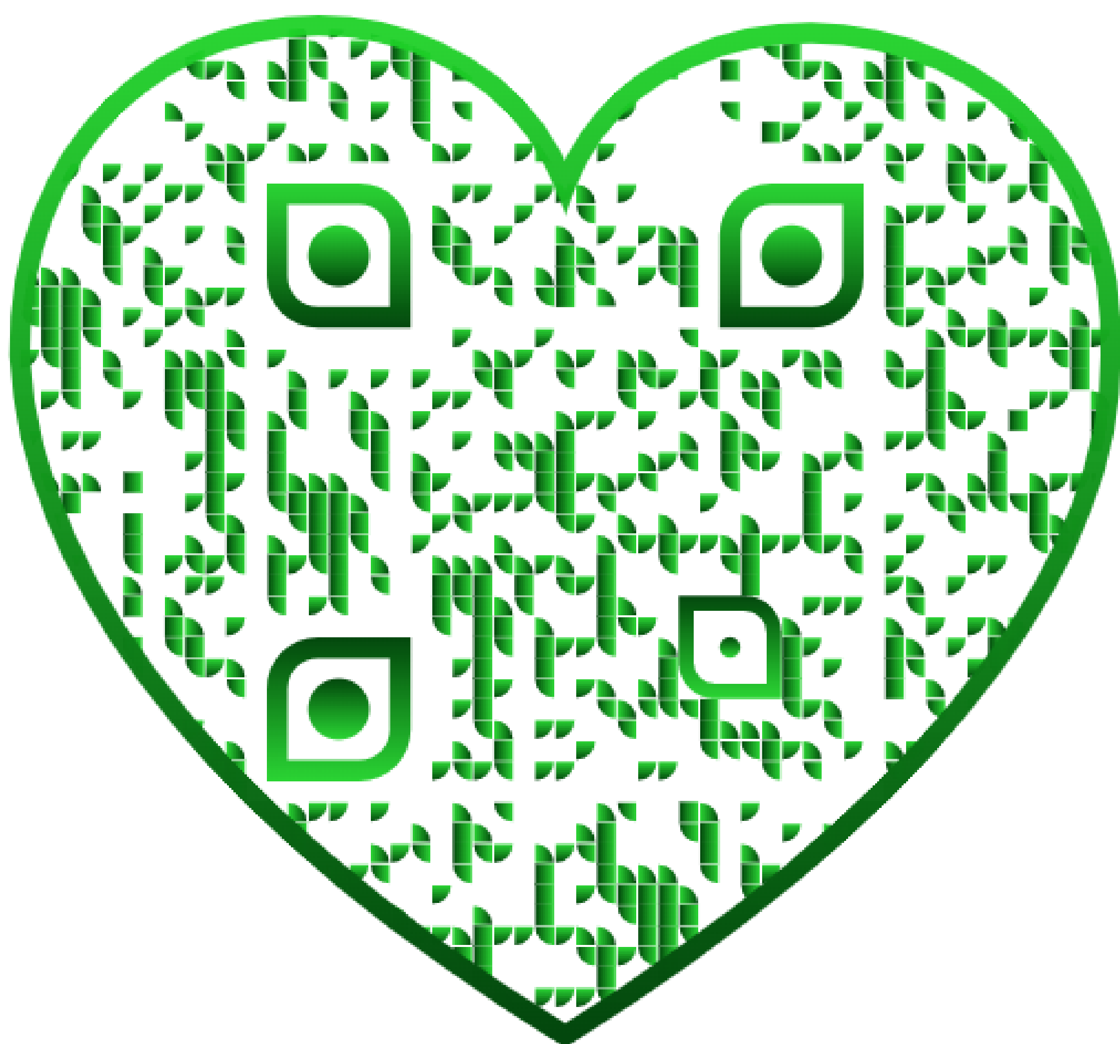
GIAN DANTON

MONTEIRO LOBATO

VIDA E OBRA



VIRTUAL BOOKS



Apoio:



Patrocínio:



Realização:



MONTEIRO LOBATO

Vida e Obra

GIAN DANTON

Edição especial para distribuição gratuita pela Internet,
através da Virtualbooks, com autorizaçãodo Autor.

Copyright © 2000, virtualbooks.com.br
Todos os direitos reservados a Editora Virtual Books Online M&M Editores Ltda.É proibida a reprodução do conteúdo desta página em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da Editora.

MONTEIRO LOBATO

Vida e Obra

GIAN DANTON

INTRODUÇÃO

Literatura é, antes de tudo, um veículo de idéias. Monteiro Lobato é uma prova disso. Tudo que ele escreveu foi na defesa de seus ideais. Primeiro mostrar ao Brasil o que realmente era o interior. Antes dele a imagem que se tinha do sertanejo era de um indivíduo bonito, alto, forte, galante. O homem do campo era tudo isso? Qual nada! O Jeca era pobre e doente, cheio de vermes. Um sujeito que não ganhava ânimo e passava o dia inteiro acocorado sobre os joelhos, pitando o inevitável cigarro de palha.

Depois foi o petróleo. Mesmo contra todos, Lobato insistia que o Brasil tinha petróleo. Escreveu artigos em jornais e até um livro desmascarando a campanha das companhias americanas para impedir que o Brasil descobrisse o seu petróleo.

Por último, cansado das gentes grandes, Lobato voltou-se para as crianças. Seus livros infantis não

eram só divertidos. Eles partiam da idéia de que as crianças não podem ser tratadas como bobalhonas. Seus livros falavam de todos os assuntos, de filosofia a petróleo. Antes dele todas as histórias infantis terminavam com a inevitável lição de moral, que explicava a história, como se as crianças fossem incapazes de a entenderem sozinhas. Lobato encorajava os pequenos a pensarem por si mesmos e dava um breca na lição de moral. "O mundo é dos espertos", dizia.

Atualmente ele é lembrado quase que exclusivamente como um escritor de livros infantis. O que é uma pena. Lobato é famoso, mas pouco conhecido. O objetivo deste livro é justamente tentar dar uma visão mais ampla de quem foi essa importante figura.

CAPÍTULO 1
O MINARETE

José Renato Monteiro Lobato nasceu em Taubaté, São Paulo, no dia 18 de abril de 1882. Alguns anos depois modificou seu nome para José Bento, pois desejava usar uma bengala que fora do pai e que estava marcada com as iniciais J.B.M.L. Tinha duas irmãs, Judite e Ester, e brincava com brinquedos rústicos, feitos de sabugo de milho, chuchus e mamão verde.

Esses primeiros anos influenciaram em muito a sua produção infantil. A Taubaté daqueles tempos

certamente tinha um pouco do que viria a ser o Sítio do Pica-Pau Amarelo.

Desde pequeno Lobato adorava livros. Devorou a toda a biblioteca do avô paterno, o Visconde de Tremembé. Leu tudo que havia para crianças na época - o que não era muito. Ainda não surgira um Monteiro Lobato para escrever livros que as crianças realmente apreciassem...

Os principais traços da personalidade do escritor já se delineavam na época. Extremamente sincero, Lobato falava o que queria, abusando da ironia e do cinismo.

Aos 15 perde o pai, aos 16, a mãe.

Nessa época ele estudava num colégio em São Paulo, onde fundou vários jornais, usando pseudônimos. Lobato queria ser escritor, ou pintor. Por ele, faria a escola de Belas Artes. Mas o avô queria vê-lo advogado, ou juiz. Assim, no ano de 1900, com 18 anos, o jovem escritor entra para a Faculdade de Direito de São Paulo. Lá ele faz amizade com várias outras pessoas que adoram literatura, entre eles Godofredo Rangel e o poeta Ricardo Gonçalves. Fundam o grupo literário O Minarete. Minarete era a república onde eles morava um chalé amarelo, chamado assim em homenagem às mesquitas maometanas. Todos eram boêmios e rebeldes.

Em 1904 Lobato forma-se em direito e volta para Taubaté. Continuaria a ter contatos com os amigos, em especial com Godofredo Rangel, com o qual se corresponderia até o fim da vida. Todas essas cartas foram reunidas em dois livros, chamados de A Barca de Gleyre.

Monteiro Lobato escrevia cartas como ninguém.

Durante toda a sua vida, ele jamais deixou de responder as cartas dos amigos, fãs e, principalmente, crianças. Algumas dessas cartas foram reunidas em livros, Cartas Escolhidas, e Cartas de Amor, com as missivas que ele mandava para sua esposa, Purezinha, ainda na época do namoro.

CAPÍTULO 2
CIDADES MORTAS

Em 1917, Lobato, já formado, é nomeado promotor público da cidade de Areias, no interior paulista. Areias era o que o autor mais tarde chamaria de Cidades Mortas. Vítimas das mudanças econômicas, esses lugarejos, antes prósperos, viviam em estado de lesmice patológica. Com a economia local quebrada, a maior parte dos jovens se mudara para cidades mais desenvolvidas e só ficava em Areias quem não tinha condições ou idade para a mudança.
Numa cidade como essa, até o passeio matutino do recém-nomeado promotor público virava atração pública. As moças saiam na janela para ver Lobato passar.

Naquela época Lobato já namorava sua futura esposa, Maria da Pureza Natividade. Ia de vez em quando a São Paulo para vê-la. As cartas escritas para ela revelam gripes, caçadas a onças, uma ou outra refrega entre vizinhos e muita saudade. Em suma, não havia o que fazer em Areias. Assim, Lobato gasta a maior parte do tempo lendo e escrevendo. Vai passando para o papel o que observa no lugarejo. São

esses escritos que mais tarde formarão o livro *Cidades Mortas*. Nos escritos, Areia é rebatizada de Oblivion, depois Itaoca.

Em Oblivion só meia dúzia de pessoas recebe jornais. São a intelectualidade local. Livros só há três, que passam de mão em mão. Cada um que pegava fazia questão de escrever algo. "Li e gostei", afirmava um. Outro versificava: "Já foi lido - pelo Valfrido".

Cidades Mortas é cheia desses casos, entre eles o de um réu que escapou enquanto o júri permanecia horas reunido numa sala, incapaz de tomar uma decisão.

CAPÍTULO 3
VELHA PRAGA

Em 1911, com a morte do avô, Barão de Tremente, Lobato herda a fazenda Buquira, em Taubaté. Deixa de ser promotor para virar fazendeiro.

Nessa época o escritor já tinha mulher e filhos. É lá na fazenda que Lobato iria recolher os causos e vivências que o levariam a produzir Urupês, sua obra mais completa. A falta do que fazer leva-o a escrever e rescrever os contos, só largando-os quando estão realmente em ponto de bala. Mas escreve pouco. Numa de suas cartas a Godofredo Rangel, chega a garantir que a vai largar a literatura par dedicar-se exclusivamente à pintura.

É também na fazenda que Lobato escreve o artigo que seria o pontapé inicial de sua carreira literária.

Os caboclos tinham o costume de queimar a mata para fazer sua roça. O resultado eram grandes queimadas, que desgastavam a terra, tornando-a improdutiva em pouquíssimos anos. Lobato, que tinha conhecimento do mal que as queimadas provocavam, ficou uma onça. Injuriado, queria denunciá-los à polícia.

- Não vale a pena. - explicou o capataz. São eleitores do governo e o patrão não arranja nada.

- Não haverá ao menos um incendiário oposicionista que possa pagar o pato?

- Não vê? O caboclo é ali firme no governo justamente por amor ao fogo.

Sem ter o que fazer, o fazendeiro mandou uma carta para a seção de queixas e reclamações d'O Estado de São Paulo. O jornal gostou tanto do artigo que resolveu publicá-lo fora da seção. Nascia o artigo *Velha Praga*. O artigo mostrava um jeca vadio, de pé no chão, incapaz de fazer qualquer coisa para melhorar sua situação, entretendo-se em queimar as florestas. Lobato mais tarde se arrependeria desse tratamento dado ao Jeca. Mas na época o artigo explodiu como uma bomba na imprensa nacional. Foi reproduzido em quase uma centena de jornais.

Lobato, até então um desconhecido, virou celebridade nacional. Passou a escrever artigos para o Estado para outros jornais. Certa vez, quando foi ao médico, este o tratou de duas maneiras diversas. Primeiro frio e indiferente. Depois, quando soube que se tratava de Monteiro Lobato, abriu um sorriso:

- Aquele que escreve belos artigos no Estado?

Embora O Estado de São Paulo tivesse uma boa gama de leitores (a tiragem era de 40 mil exemplares, razão pela qual Lobato acreditava ser lido por 80 mil

pessoas), ele, certa vez, deixou de colaborar com esse jornal para escrever para um pasquim, O Povo, de 200 exemplares e 100 leitores. Tudo isso porque havia um velhinho, leitor d'O Povo, que não perdia um artigo seu.

Nesse tempo que passa na fazenda, Lobato colabora com várias publicações. Entre elas a Revista do Brasil. É na Revista do Brasil que vão ser publicados alguns dos contos que mais tarde formariam o volume Urupês. Lobato oscila. Ora adora a vida de fazendeiro, ora reclama da inatividade. Era o pus do furúnculo literário. Pus, sim. Certa vez, quando um repórter perguntou-lhe como surgira seu primeiro livro, o escritor respondeu que lhe nascera um furúnculo que, uma vez espremido, dera no tal do Urupês.

CAPÍTULO 4
URUPÊS

Em 1917 Lobato vende a fazenda e se muda para São Paulo. Resolve investir o dinheiro na compra da Revista do Brasil e decide publicar um livro. Deveria chamar-se *Dez Mortes Trágicas*. Revoltado com a água morna dos escritores da época, incapazes de matar sequer uma mosca, ele escrevia contos de arrepiar os cabelos. Matava em monjolo, lameiro e em tantos outros lugares quanto fosse possível dar cabo à vida de um indivíduo.

No fim, Lobato acabou mudando o título por sugestão de Artur Neiva, que achou melhor Urupês, título de uma artigo que servia de apêndice ao volume.

O recém-batizado Urupês foi para a seção de obras do Estado de São Paulo com a recomendação de que não se fizesse mais de mil exemplares. Lobato desacreditava completamente da possibilidades mercadológicas do livro. Para espanto seu, Urupês foi um sucesso. A primeira edição esgotou-se rapidamente e o livro chegou a ser assunto de discurso de Rui Barbosa, o grande figurão da época.

Entusiasmado com o sucesso, Lobato publicou outros livros com material de colaborações suas para jornais. Algumas recentes, outras dos tempos do Minarete. Surgiram Cidades Mortas, Idéias de Jeca Tatu, Negrinha e outros.

Mas persistia um velho problema: no Brasil só haviam 40 livrarias! Para driblar o problema, Lobato resolveu fazer uma experiência inédita no país. Pediu ao correio uma lista de todos os estabelecimentos confiáveis de que tinham conhecimento. No final conseguiu uma lista de 1200 casas comerciais relativamente sérias, de farmácias a açougues. Mandou para elas uma circular engraçadíssima, que viria a ser a pedra fundamental da indústria editorial nacional: "Vossa senhoria tem o seu negócio montado e quanto mais coisas vender maior será o lucro. Quer vender também uma coisa chamada 'livro'?".

Todos toparam o negócio e os livros de Monteiro Lobato passaram a ser encontrados em todos os locais do Brasil. Com isso as edições, que eram de 400 ou 500 exemplares em média, pularam para três mil.

Entusiasmado, Lobato chegou a tirar uma edição de 50.500 exemplares de Narizinho Arrebitado, o primeiro livro do Sítio do Pica Pau Amarelo.

Era um marco, mas era também uma loucura.

Quem iria comprar tanto livro?

Lobato deu uma sorte dos diabos. A edição esgotou-se em nove meses. Só o governo de São Paulo comprou 30 mil narizes.

A coisa aconteceu deste modo: certa vez o presidente de São Paulo saiu a visitar as escolas junto com o secretário de Educação. Em todas as escolas que entrava, sempre encontrava um livrinho amarrotado, cheio de orelhas de burro, já muito surrado pelo manuseio. Era justamente o Narizinho Arrebitado. Lobato havia mandando 500 exemplares para as escolas e, como a coisa era novidade, a criançada caiu de dentes.

A pedido do presidente, o secretário de educação ligou para Lobato e perguntou quantos exemplares do livro poderia vender ao governo. "Uma pergunta assim, à queima-roupa a um editor que está atrapalhado com a maior avalanche nasal de sua vida é coisa de estontear. Pisquei sete vezes e respondi: Quantos quiser, Alarico. Temos narizes a dar com o pau. Posso fornecer cinco mil, dez mil, vinte, trinta mil...", contou Lobato, muitos anos depois.

O secretário achou que fosse patota e, só por brincadeira, encomendou 30 mil. No dia seguinte lá estavam os 30 mil narizes no almoxarifado do secretário, para espanto de todos.

Lobato foi o homem das revoluções. O arranco que deu na indústria livreira nacional foi uma delas. As outras foram a luta pelo petróleo e a literatura infantil. Antes dele não existia a literatura como atividade comercial. Escrevia-se para entrar na Academia, para se tornar imortal. Para isso, escrevia-se numa linguagem empolada que tinha como objetivo

não agradar ao leitor, mas fazer gênero.

O criador do Sítio odiava isso. “A desgraça da maior parte dos livros é o excesso de literatura”. Com isso ele se referia à terrível mania de escrever carro de Apolo, ao invés de Sol.

É esse um dos traços mais modernistas de Lobato. Ele também abre caminho para o modernismo ao romper com a literatura açucarada, comum no Brasil do início do século. Uma literatura para moças, na qual não cabiam cenas mais fortes. Era um eterno pisar em ovos para não afetar a sensibilidade do leitor. É por horror a isso que Urupês tem tantas mortes.

À noite, quando todos os literatos se reuniam nos salões elegantes para conversar sobre os sonetos de Olavo Bilac, Lobato encontrava-se com os amigos no Café Guarani para tomar um chope. Nenhum deles sabia que o companheiro de copo era escritor. Certa vez um deles pergunto-lhe:

- É verdade, Lobato, que você tem um livro? Ouvi dizer.

O escritor gargalhou: “Se eu tivesse um livro, Gama, punha-o num sebo. Não tolero livros, nem gente que escreve livros”.

Mas, apesar dessa horror à literatura oficial, Lobato ia se firmando no gosto popular e se tornando um dos escritores mais conhecidos do Brasil. O que fosse lançado com seu nome vendia. Sem tempo, ele era obrigado a lançar mão de coisas antigas, do tempo do minarete e do promotorado em Areias. De novo mesmo, só os infantis: Narizinho Arrebitado, O Saci...

Por esses tempos a convivência com as gentes da cidade haviam-no convencido que o melhor que tínhamos no Brasil era mesmo o tal do Jeca Tatu que

ele tanto desancara em Urupês. Se o Jeca não produzia, era porque não tinha segurança (podia ser expulso da terra a qualquer momento) e porque tinha a barriga repleta de vermes. As condições de higiene no campo eram precárias e o local se tornava próprio para o alastramento de doenças.

Lobato escreveu vários artigos para O Estado de São Paulo, chamando atenção para o problema. Atacou até pelos quadrinhos. Até alguns anos era distribuído nas casinhas do interior o Almanaque Fontoura, com a história em quadrinhos do Jeca-tatuzinho. A HQ, baseada num texto de Lobato, orientava os caboclos para usar sapato e tomar medidas básicas de higiene, como lavar as mãos após defecar.

Resultado: o público passou a pensar que Lobato era um médico sabidíssimo. Tanto que, certa noite, às altas horas, telefonaram para sua casa:

- É o doutor Monteiro Lobato?

- Sim.

- Doutor, minha mulher está sentido dores. Poderá vir atendê-la.

Lobato teve de explicar que não era médico....

CAPÍTULO 5
AMÉRICA

Em 1926 Monteiro Lobato mudou-se para os EUA. Ia como adido comercial brasileiro e levava na bagagem um romance americano. Chamava-se O Choque das Raças (depois rebatizado como O Presidente Negro). A história de ficção científica (uma das primeiras do

gênero escritas no Brasil) se passava no ano de 2228. Nessa época o eleitorado se dividira em três facções: os homens brancos, as mulheres e os negros. Os negros aproveitam a desunião entre homens e mulheres brancos para eleger um presidente negro. Os brancos se vingam esterelizando os vencedores com um produto para alisar cabelos.

Lobato escreveu O Choque das Raças de olho na série Tarzan, que já alcançava a tiragem de milhões de exemplares. "Eu me acho capaz de escrever para os Estados Unidos por causa do meu pendor para escrever para crianças. Acho o americano sadiamente infantil".

Mas ele era ingênuo. O americano é um povo muito cioso de sua dignidade. Uma visão tão crua dos conflitos entre negros e brancos acabou não agradando.

O romance não agradou lá, mas aqui teve o mérito de ser a primeira obra de ficção científica a sair da pena de um grande escritor.

A ida aos EUA acabou servindo por outros motivos. Lobato extasiou-se com a civilização americana. Foi aos grande teatros, onde a fina flor da beleza americana era exibida quase nua, andou de metrô... "A mim o que mais me assombrou foi a New York subterrânea, com suas numerosas linhas de subway, seus trens, suas estações, imensas, restaurantes, lojas, cafés, livrarias, etc., etc. Tudo invisível para quem anda na New York da superfície. Uma pessoa pode passar a vida na cidade subterrânea sem necessidade de vir à superfície para coisa nenhuma", admitiu ele, numa carta da época.

E os EUA da época eram pura riqueza: "Sente-se em tudo a riqueza espantosa do país. Não há pobres,

o pobre daqui é o remediado daí. Toda gente possui auto. O porteiro cá de nossa casa possui um cadillac”.

Monteiro Lobato olhou aquilo e achou que o Brasil também podia ser rico como os EUA. Afinal, eram países quase do mesmo tamanho, descobertos em épocas próximas e com a população constituída dos mesmos elementos: o negro, o branco europeu e o índio. Mas, para isso, era necessário descobrir de onde vinha tanta riqueza. O que fazia dos EUA o que ele era? Lobato matutou, matutou e chegou a uma conclusão - o petróleo e o ferro eram os pilares da civilização americana. Tudo dependia do petróleo e do ferro.

Um livro, por exemplo. Para fazê-lo é necessário cortar uma árvore. Necessita-se, então, de um machado ou de uma serra, que são feitos, advinha de quê? Ferro. Se a serra for elétrica, vai precisar de óleo, que é feito de petróleo. A árvore precisa ser transportada por uma caminhão ou um trem. Tanto um como outro são feito de ferro e usam petróleo como combustível. As máquinas que vão transformar a madeira em papel também são feitas de ferro... No final o livro chega às mãos do leitor depois de passar por uma longa processo constituído de coisas que são de ferro e se movimentam graças ao petróleo.

Atualmente começa a se delinear um mundo que não dependerá tanto desses dois elementos, mas na época de Lobato, eles mandavam e desmandavam como se fossem donos do mundo. E na verdade eram.

O escritor percebeu isso e quis dar ao Brasil os reizinhos da indústria. Para isso ele tratou de conhecer todos os detalhes sobre o assunto e sobre a indústria americana. Ajudou muito o fato dele ter traduzido para o português um livro de Henry Ford, o magnata

da indústria automobilística. Quando chegou nos EUA, um agente da Ford estava esperando-o para levá-lo ao hotel e guardar sua bagagem - uma imensidade de livros - num depósito da empresa até que o escritor achasse uma casa.

Em 1930 acontece uma revolução no Brasil e Getúlio Vargas sobe ao poder, dando início ao Estado Novo. "Revolução nada", pensou Lobato, lá consigo. "O Brasil é um grande curral eleitoral. Mundam-se os governos, mas ficam os coronéis. Nada muda. Só tiram um coronel para colocar outro no lugar. Revolução é o que vou fazer com o petróleo e o ferro".

Mas o episódio tem um reflexo na vida do escritor. Da mesma forma que nas cidadezinhas do interior, onde quando a oposição ganhava lá iam para a rua todos os funcionários públicos, Getúlio promoveu a varredura. Lobato perdeu o cargo e voltou para o Brasil. Trazia consigo o sonho de ficar rico explorando o petróleo. Por tabela, o Brasil também ficaria rico. Havia de ser uma potência mundial e de repetir na América do Sul a prosperidade da América do Norte.

CAPÍTULO 6
O ESCÂNDALO DO PETRÓLEO

Mas não ia ser fácil dar petróleo ao Brasil. Para começo, não havia qualquer apoio governamental. Pelo contrário. Dizia-se e redizia-se que no Brasil não havia petróleo. Se houvesse algum, os americanos, espertos que eram, já o teriam descoberto, argumentavam.

Lobato pensava diferente. Se quase todos os países com os quais temos fronteira retiravam petróleo, porque o Brasil, e só o Brasil teria sido boicotado pela natureza?

Havia, inclusive, evidências. No início do século um geólogo dinamarquês descia um rio do Mato Grosso quando observou na água um óleo que alcançava a água através de um barranco. Foi acompanhando o rastro e encontrou um olheiro que soltava óleo em grande quantidade: até 600 litros por dia! Era petróleo. E dos melhores. O dinamarquês recolheu o óleo, analisou e correu para o Rio de Janeiro para pedir licença para exploração. Estranhamente, o governo se recusou a dar a licença.

Em 1918 um sábio alemão chamado Bach foi parar em Alagoas. Achou que a região poderia ter petróleo e fez estudos. “Aqui há petróleo para abastecer o mundo”, concluiu. E formou uma empresa para explorar a mina.

Súbito morreu. Quando atravessava uma lagoa com um canoeiro que não era o habitual, a canoa virou. Lá se foi o sábio para o fundo, enquanto canoeiro nadava tranqüilamente para a margem...

Mesmo com essas estranhices, Lobato inventou de formar uma empresa exploradora de petróleo. Com o dinheiro do petróleo entraria de sola no projeto de fabricar aço por um novo processo mais econômico e ecológico.

Lobato começou a escrever em jornais, divulgando o petróleo brasileiro, e os acionistas começaram a aparecer.

Certa vez foi no escritório um homem visivelmente pobre. O que não era de se admirar, já

que a maioria dos acionistas era composta de gente humilde, que tinha o sonho de enriquecer. O susto veio quando o homem depositou na mesa uma grande quantia em dinheiro. Lobato piscou trinta vezes.

- Mas, mas... gaguejou Lobato. Todo esse dinheiro...

- São minhas economias. Guardei durante anos.

O escritor, passado o susto, caiu um si. Onde já se viu, investir as economias de uma vida, todo o dinheiro, numa empreitada arriscada que podia dar em nada? Lobato disse isso ao futuro acionista.

- Sei, sei de tudo. - respondeu ele. Estou investindo porque acredito que assim posso ajudar o Brasil.

Lobato abaixou-se para pegar uma caneta que, de fato não tinha caído e, assim escondido, tratou de enxugar uma aguinhas que insistiam em cair-lhe dos olhos.

Começaram as escavações e com elas os problemas. Surgiram mais e mais dificuldades jurídicas, a maior parte delas provocada pelos órgão do governo que *deveria* incentivar a descoberta de petróleo. Um amigo de Lobato, que também estava engajado na campanha pelo petróleo, foi misteriosamente assassinado.

Lobato escreveu uma carta ao presidente Getúlio Vargas denunciando as sabotagens do Conselho Nacional de Petróleo e sugerindo uma ação decisiva do governo em favor do petróleo nacional. O que conseguiu com isso? Ser preso por injúria ao presidente.

Como o escritor havia pedido passaporte para tratar da publicação de seus livros na Argentina, o militar que dirigia o Conselho Nacional de Petróleo

concluiu que ele pretendia fugir e, com esse argumento, mandou prendê-lo até o julgamento. Outra acusação era de que a companhia de Lobato era patrocinada por organizações internacionais. Como prova anexaram ao processo duas cartas de estrangeiros. Uma era de um engenheiro uruguaio que felicitava o escritor pelo lançamento do livro *O Poço do Visconde*. Outra era um cartão de natal assinado por um tal de Merry Christmas (Feliz natal), o que demonstra a burrice dos militares.

Lobato ficou seis meses na prisão, junto com assassinos e ladrões. Quando saiu, escreveu uma carta ao general Goes Monteiro (que mandara prendê-lo) agradecendo pela estadia: "É profundamente reconhecido que venho agradecer V.Excia o grande presente que me fez, por intermédio do augusto Tribunal de Segurança, de uns tantos deliciosos e inesquecíveis dias passados na Casa de Detenção desta cidade. Sempre havia sonhado com uma reclusão dessa ordem, durante a qual eu ficasse forçadamente a sós comigo mesmo e pudesse meditar sobre o livro de Walter Pitkin (Uma Pequena Introdução para a História da Estupidez Humana)".

Mas, afinal, qual era esse mistério todo que envolvia o petróleo brasileiro? Por que todos que se envolviam com o assunto eram misteriosamente "acidentados", "suicidados", ou iam passar uns tempos na prisão? Por que os poços eram sistematicamente boicotados, quando não sabotados pelas entidades governamentais que deveriam apoiá-los?

Lobato descobriu a resposta quando uma amigo seu foi ao Rio de Janeiro visitar as companhias de petróleo cariocas. Procurando, deu com o endereço de

uma companhia desconhecida. Era uma distribuidora de gasolina da Standar Oil. Quem o recebeu foi um diretor, que se alegrou em encontrar alguém das companhias brasileiras, para os quais precisava contar umas verdades:

- Vocês partem do ponto de vista de que o petróleo é um negócio nacional, de cada país. Não é. O petróleo é um negócio internacional da Standar. Ela criou esse negócio no mundo e o mantém contra tudo e contra todos. Contra a vontade da Standard país nenhum tira petróleo que haja em suas terras.

Contou também que os melhores campos petrolíferos já estavam sendo estudados e comprados pela Standard. Na época os EUA era um dos principais produtores mundiais de petróleo e o Brasil um grande comprador. Não interessava, portanto, que o petróleo brasileiro fosse descoberto. Era mais negócio ir comprando as terras e esperar até que o petróleo americano acabasse para começar a tirá-lo do Brasil. Todos os principais funcionários do Conselho Nacional de Petróleo recebiam soldo da Standard para evitar que o Brasil descobrisse seu petróleo.

Com isso, até Lobato desistiu. Estava desconsolado, triste com a vida. Para esquecer, traduzia: "A tradução é minha pinga. Traduzo como o bêbedo bebe: para esquecer, para atordoar. Enquanto traduzo, não penso na sabotagem do petróleo".

O motivo para continuar vivendo, encontrou-o nas crianças. "Ah, Rangel, que mundos diferentes, o do adulto e o da criança! Por não compreender isso e considerar a criança como 'um adulto em ponto pequeno' é que tantos escritores fracassam na literatura infantil e um Andersen fica eterno", escreveu ele ao amigo.

Surgia a saga do Sítio do Pica Pau Amarelo.

CAPÍTULO 7
O SÍTIO DO PICA PAU AMARELO

O primeiro livro de Lobato para crianças foi lançado em 1921 e chamava-se Narizinho Arrebitado. Teve a tiragem monstra de 50 mil exemplares. E vendeu tudo. Antes disso praticamente não havia livros para crianças. Quando ele mesmo era pequeno, as leituras se restringiam a dois álbuns coloridos, Menino Verde e João Felpudo. "Pobres crianças daquele tempo! Não tinham nada para ler", admitia.

Os livros que existiam eram cheios de "literatura", que certamente não agradava Lobato. Ao invés de se dizer céu azul, dizia-se céu azul turqueza, ou cerúlea abobada celeste.

Embora os primeiros livros infantis de Lobato fosse cheios de "literatura", o escritor foi salvo pelas crianças: "de tanto escrever para elas, simplifiquei-me, aproximei-me do certo (que é o claro, transparente como o céu)".

Até meados da década de 20, Lobato ainda não se decidira a realizar a grande obra que viria a ser o Sítio. Mas tinha uma coceiras: "Ando com idéias de entrar por esse caminho: livros para crianças. De escrever para marmanjos já me enjoei. Bichos sem graça. Mas para as crianças um livro é todo um mundo. Lembro-me de como vivi dentro do Robinson Crusoe do Laemmert. Ainda acabo fazendo livros onde nossas crianças possam morar, como morei no Robinson e

n'Os Filhos do Capitão Grant".

Coçou-se em 1934. Foi quando a editora Nacional lançou Reinações de Narizinho, reunindo num só volume todas as histórias pequenas do sítio que já haviam sido publicadas. Lobato fez os ajustes, revisou, e entusiasmou-se: "Estou gostando tanto que brigarei com quem não gostar". E começou a vir a idéia de transformar o Sítio numa série contínua, um "rocambole infantil", como ele chamava. Os rocamboles eram romances franceses, famosos por estender a história por volumes e mais volumes.

O escritor pretendia levar a turma do sítio para uma viagem ao céu e se ria, imaginando a tia Nastácia metida no embrulho, sem nada entender.

Mas Lobato ainda estava envolvido com o petróleo, andava entretido com as gentes grandes. Quando foi preso, desistiu delas. Voltou-se completamente para os pequenos.

Publicou, então, dezenas de livros. Entre eles, História do Mundo para Crianças, que fez com que um padreco da década de 50 acusasse Lobato de comunista. Tudo isso porque o livro explicava o surgimento do universo e da espécie humana segundo os conceitos científicos. Para o venerável sacerdote, dizer que o homem que conhecemos hoje é resultado de uma evolução milenar era sinônimo de comunismo. O sacerdote também achava comunista e anti-cristão o fato das histórias de Lobato não terem lição de moral...

Depois da prisão, o escritor publicou aquele que é, provavelmente, o livro mais original do sítio: A Chave do Tamanho. Na história, Emília, enervada com a bestialidade humana, resolve acabar com a Segunda

Guerra Mundial. Usando o pó do pirlimpimpin, ela se transporta para a casa das chaves. Sim, porque todas as coisas do mundo têm uma chave, como a chave da eletricidade, e alguém tinha ligado a chave da guerra. . Emília inventou de fechá-la. Mas chegando lá deu com uma sala cheia de chaves sem qualquer identificação. E agora? Qual era a chave da guerra?

Como não há como saber, Emília puxa a primeira que encontra. E encolhe. Não só ela, mas todas as pessoas do mundo. Em todo caso, acaba-se a guerra. Como iriam continuar os homens guerreando se ficaram menores que formigas? Claro que no final tudo volta ao normal, mas as quase 200 páginas do livro são um grande discurso contra o totalitarismo. Nesse livro Lobato deixa claro sua esperança num mundo melhor. Sua esperança estava nas crianças.

Até aí nada de realmente estranho. A ditadura militar de 64 vivia propagando que as crianças e os jovens eram o futuro do país. A diferença é que Lobato não achava que as crianças fossem o futuro, mas sim o presente. Os livros do Sítio são os primeiros publicados no Brasil em que as crianças têm voz ativa e liberdade de ação. Pedrinho, Narizinho e Emília (que, embora fosse uma boneca, representava as crianças) não esperam crescer para tomar opiniões a respeito do mundo ou para agir afim de transformá-lo.

Em que outro lugar do mundo, senão no Sítio, as crianças já tiveram direito de expressão e de voto?

Um bom exemplo disso é a maneira como é resolvida a questão do tamanho. Todo o pessoal do sítio é convocado para decidir se a humanidade volta ao tamanho normal ou continua como está. As crianças defendem a pequenez. Os adultos a volta ao tamanho

normal. Fazem o plebiscito e a pequenez perde unicamente por causa do voto do Visconde.

Em todos os seus livros, Lobato mostra que as crianças mais abertas para as novidades, para a mudança; bem ao contrário dos adultos, que já se acostumaram com o mundo como ele está. Entretanto, são justamente as novas idéias que levam ao progresso da humanidade.

“Os personagens foram nascendo ao sabor do acaso e sem intenções”, dizia Lobato. “Emília começou como uma feia boneca de pano, dessas que nas quitandas do interior custavam 200 réis. Mas rapidamente evoluiu, e evoluiu cabritamente - cabritinho novo, aos pinotes. Teoria biológica das mutações. E foi adquirindo uma tal independência que, não sei em que livro, quando lhe perguntaram: ‘Mas que você é, afinal de contas, Emília?’, ela respondeu de queixinho empinado: ‘Sou a independência ou a morte’. E é tão independente que nem eu, seu pai, consigo dominá-la. Quando escrevo um desse livros, ela me entra nos dois dedos que batem as teclas e diz o que quer, e não o que eu quero”.

Em 1943 Emília encasquetou de conhecer a história da América “auto-contadamente”. Queria ouvir a história da boca do vulcão Aconcágua!

Esse livro, que provavelmente se chamaria História da América para Crianças, nunca foi escrito por Lobato. Isso porque, além de pesquisar muito, o autor precisaria fazer uma viagem pela costa do Pacífico, beirando os Andes - um velho sonho. Não teve tempo. A partir de 1943 ele começou uma série de livros sobre os trabalhos de Hércules. E eram 12!

Depois precisou fazer uma viagem à Argentina

para tratar da edição de seus livros por lá. Foi recebido como uma celebridade e ficou um ano naquele país. Voltou ao Brasil apenas em 1947. Nessa época seus livros já eram traduzidos para as mais variadas línguas, todos com muito sucesso, em especial os infantis.

Mas nem todo esse sucesso agradava tanto Lobato quanto as cartas que recebia de crianças.

Uma vez uma menina, desesperada com o pedantismo dos programas oficiais, escreveu-lhe, pedindo para que Dona Benta explicasse a "regência dos verbos mais freqüentes". Lobato, que não sabia nada do assunto, foi obrigado a recorrer a uma gramática e estudou até que pudesse explicar de forma compreensível o ponto.

Certa vez um pai escreveu-lhe: "Com meus agradecimentos pela cartinha que o senhor mandou em resposta à do meu filho Lindenberg, dou-lhe notícia de que essa missiva está concorrendo enormemente para a cura do rapaz. Diz ele que ontem foi o dia mais feliz de sua vida".

Em outra carta, uma moça dizia que reprimida por todos da família, refugiava-se no Sítio do Pica Pau Amarelo, único lugar em que era realmente livre. "Cartas assim constituem os verdadeiros prêmios que possa ter um escritor no fim da vida", admitia Lobato.

E o escritor ia morrendo. "Sinto, às vezes, à noite, umas coisas que só posso definir como tentativas de fuga de um prisioneiro. Até agora todas as tentativas fracassaram, como têm fracassado todas as tentativas de fuga do Piantadino: mas de repente o consegue e os jornalistas no dia seguinte vêm com aquele trololó fúnebre: 'Faleceu ontem, de síncope cardíaca o ilustre escritor Monteiro Lobato, um dos

mais’, etc., etc., etc. e lá vem toda a tropa de lugares comuns dos necrológios. Mas eu, o Ego que não morre porque não pode morrer, porque nada morre, nem o mais miserável átomo, estarei a rir da inópia dos jornalistas”.

Lobato nessa época já acreditava na teoria espírita da sobrevivência da alma. Mas e se não fosse assim? E se, ao invés da continuação da vida, a morte trouxesse a extinção total do ser? “Nesse caso, vis-ótimo! Entro já de cara no Nirvana, nas delícias do não-ser! De modo que me agrada muito o que vem aí: ou a continuação da vida, mas sem os órgãos já velhos e perros, cada dia com pior funcionamente, ou NADA!”.

No dia 28 de abril de 1948, 10 dias depois de seu aniversário, o escritor teve um espasmo vascular que deixou completamente cego. Pior dos martírios para um escritor: não podia ler uma única linha.

Melhorou algum tempo depois, mas não tinha mais ânimo para viver. Seus dois filhos homens, Edgard e Guilherme, haviam morrido. Acrescentava-se a isso o fato de ter sido preso. A morte ia se aproximando e Lobato a aceitava como um alvará de soltura.

“Adeus, Rangel! Nossa viagem a dois está chegando perto do fim. Continuaremos do além? Tenho planos logo que lá chegar, de contratar o Chico Xavier para psicógrafo particular, só meu - e a primeira comunicação vai ser dirigida justamente a você. Quero remover todas as tuas dúvidas”, escreveu ele ao amigo, poucos dias antes de morrer.

Lobato faleceu no dia 04 de julho de 1948. Ao que se saiba, Chico Xavier nunca recebeu qualquer mensagem do escritor..

*****

CRONOLOGIA BIOGRÁFICA DE MONTEIRO LOBATO

1882

A 18 de abril, em Taubaté, nasce José Renato Monteiro Lobato (o segundo nome, depois, foi substituído por Bento), filho de José Bento Marcondes Lobato a Olímpia Augusta Monteiro Lobato.

1900

Ingressa na Faculdade de Direito de São Paulo, por imposição da família; participa de grupos a jornais literários, entre os primeiros, destaca-se o Minarete, do qual participam também Ricardo Gonçalves, Godofredo Rangel, Lino Moreira, José Antônio Nogueira, Albino Camargo, Tito Lívido e Raul de Freitas.

1904

Termina o curso de Direito a regressa a Taubaté.

1907

Nomeado promotor público, transfere-se para Areias, cidade do interior paulista; colabora na imprensa, dedica-se a traduções.

1908

Casa-se com Maria Pureza da Natividade.

1911
Herda do avo, o visconde de Tremembé, a fazenda Buquira, e transforma-se em fazendeiro.

1914
Publicação no jornal O Estado de S. Paulo do artigo "Velha

Praga", onde Lobato denuncia a prática incendiária das queimadas.

1916
Inicia colaboração assídua na Revista do Brasil, recém-fundada.

1917
Vende a fazenda a muda-se para São Paulo; a 20 de dezembro publica em O Estado de S. Paulo o artigo "A propósito da Exposição Malfatti", onde critica os quadros da pintora, o que lhe custara ruptura com os líderes da Semana de Arte Moderna de 22.

1918
Funda a Editoras Monteiro Lobato, dinamizando o mercado editorial brasileiro.

1925
Com a falência de sua editoras, muda-se para o Rio de Janeiro, onde passa a colaborar na imprensa.

1926

Mora em Nova York ate 1931, onde desempenha as funções de adido comercial brasileiro.

1931
Regressa ao Brasil, funda a Companhia Petróleo do Brasil, e faz campanha pela exploração de minérios brasileiros.

1941
E preso, a solto três meses depois.

1946
Muda-se para a Argentina, onde seus livros são traduzidos para o espanhol a muito bem recebidos (principalmente os infantis) pelo público.

1947
Regressa ao Brasil. Participa de campanhas publicas simpáticas ao Partido Comunista.

1948
A 4 de julho, morre vítima de um espasmo vascular.

OBRAS DO AUTOR

Ainda em vida, Monteiro Lobato organizou a publicação do que ele
mesmo chamou de sua Obra Completa, dividindo sua produção em duas seções: uma intitulada Literatura Geral, editada em 1946 pela Editora

Brasiliense, a outra chamada Literatura Infantil, editada em 1947, também pela Editora Brasiliense. Ao longo de sua vida, Monteiro Lobato rescreveu a refundiu constantemente sua obra. Vários títulos foram fundidos, outros foram desdobrados, assim por diante. Damos a seguir uma bibliografia lobatiana, a partir das primeiras edições.

LITERATURA GERAL

Urupês, Revista do Brasil, São Paulo, 1918.
Problema Vital, Revista do Brasil, São Paulo, 1918.
Cidades Mortas, Revista do Brasil, São Paulo, 1919.
Idéias de Jeca Tatu, Revista do Brasil, São Paulo, 1919.
Negrinha, Revista do Brasil - Monteiro Lobato & Cia., São Paulo, 1920.
A Onda Verde, Monteiro Lobato & Cia., São Paulo, 1921.
Mundo da Lua, Monteiro Lobato & Cia., São Paulo, 1923.
O Macaco que se Fez Homem, Monteiro Lobato & Cia., São Paulo, 1923.
Jeca Tatuzinho, Monteiro Lobato & Cia., São Paulo, 1924.
O Choque das Raças ou O Presidente Negro, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1926.
Mr. Slang e o Brasil, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1927. Ferro, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1931.

América, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1932.
Na Antevéspera, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1933.
O Escândalo do Petróleo (depoimentos apresentados a Comissão de inquéritos sobre o Petróleo), Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1936.
A Barca de Gleyre (Quarenta Anos de Correspondência Literária), Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1944.
Prefácios a Entrevistas, Editora Brasiliense Ltda., São Paulo, 1946.
Zé Brasil, Editora Vitória, Rio de Janeiro, 1947.

LITERATURA INFANTIL

Narizinho Arrebitado (segundo livro de leitura para use das escolas primarias), Monteiro Lobato & Cia., São Paulo, 1921.
O Saci, Monteiro Lobato & Cia., São Paulo, 1921.
Fábulas de Narizinho, Monteiro Lobato & Cia., São Paulo, 1921.
Fábulas, Monteiro Lobato & Cia., São Paulo, 1922.
O Marques de Rabicó, Monteiro Lobato & Cia., São Paulo, 1922.
A Caçada da Onça, Cia. Gráfica Editora Monteiro Lobato, São Paulo, 1924.
O Garimpeiro do Rio das Garças, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1924.
Aventuras do Príncipe, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1927.

A Cara de Coruja, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1927.
Irmão de Pinóquio, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1927.
O Gato Félix, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1927.
O Noivado de Narizinho, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1927.
O Circo de Escavalinho, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1927.
Aventuras de Hans Staden, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1927.
Peter Pan, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1930.
A Pena do Papagaio, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1930.
O Pó de Pirlimpimpim, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1930.
Reinações de Narizinho, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1931.
Novas Reinações de Narizinho, Cia. Editora Nacional, São Paulo,1932.
Viagem ao Céu, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1932.
Histórias do Mundo para Crianças, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1933.aAs **Caçadas de Pedrinho**, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1933.
Emília no País da Gramática, Cia. Editora Nacional, 1934.
Histórias das Invenções, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1935.
Aritmética da Emília, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1935:
Geografia de Dona Benta, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1935.

Memórias da Emília, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1936.

Dom Quixote das Crianças, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1936.

Serões de Dona Benta (Ciências Físicas a Naturais ensinadas por Dona Benta a seus netinhos), Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1937.

Histórias de Tia Nastácia, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1937.

O Poço do Visconde (Geologia para as crianças), Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1937.

O Pica-pau Amarelo, Biblioteca Pedagógica, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1939.

O Minotauro (Maravilhosas Aventuras dos Netos de Dona Benta na Grécia Antiga), Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1939.

O Espanto das Gentes, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1941.

A Reforma da Natureza, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1941.

A Chave do Tamanho, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1942.

O Touro de Creta, Editora Brasiliense, São Paulo, 1944.

A Hidra de Lerna, Editora Brasiliense, São Paulo, 1944.

Hércules a Cérbero, Editora Brasiliense, São Paulo,- 1944.

O Leão de Neméia, Editora Brasiliense, São Paulo, 1944.

O Javali de Erimanto, Editora Brasiliense, São Paulo, 1944. ;

A Corça dos Pés de Bronze, Editora Brasiliense, São Paulo, 1944.

As Cavalariças de Augias, Editora Brasiliense, São Paulo, 1944.
Os Cavalos de Diomedes, Editora Brasiliense, São Paulo, 1944.
Os Bois de Gerião, Editora Brasiliense, São Paulo, 1944. ;
O Cinto de Hipólita, Editora Brasiliense, São Paulo, 1944.
As Aves do Lago Estinfale, Editora Brasiliense, São Paulo, 1944. !
O Pomo das Hespérides, Editora Brasiliense, São Paulo, 1944.
Uma Fada Moderna, Códex, Buenos Aires, 1947.
A Lampreia, Códex, Buenos Aires, 1947.
No Tempo de Nero, Códex, Buenos Aires, 1947.
A Casa da Emília, Códex, Buenos Aires, 1947.
O Centaurinho, Códex, Buenos Aires, 1947.

*****

O autor

GIAN DANTON

É pseudônimo de Ivan Carlo Andrade de Oliveira; jornalista, professor, roteirista e escritor. Mestre em comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo.

Tem realizado trabalhos para publicidade, como o roteiro do desenho animado “SUS”, para a Secretaria de Saúde de Curitiba.

Sua produção literária inclui um livro infantil (*Os Gatos*, editora Módulo), um artigo na coletânea de artigos acadêmicos *Histórias em Quadrinhos no Brasil: Teoria e prática e* o livro *Spaceballs,* publicado pela Associação Brasileira de Arte Fantástica.

Colabora com vários sites e publicações, além de manter uma coluna fixa no jornal O Liberal Amapá.

Produz roteiros de quadrinhos desde 1989, quando estreou na extinta revista Calafrio. Sua produção de roteiros para quadrinhos inclui histórias para as editoras Nova Sampa, ICEA, D´arte, Brazilian Heavy Metal, Metal Pesado e para a editora norte-americana Phantagraphics.

Seu trabalho mais recente na área de quadrinhos foi o roteiro e a edição de texto da revista Manticore pelo qual ganhou os prêmios Ângelo Agostini (melhor roteirista de 1999) e HQ Mix (melhor lançamento de terror).

Mantém o site Idéias de Jeca-tatu (http://www.lagartixa.net/jecatatu), único no Brasil especializado na discussão sobre roteiro para quadrinhos.

É membro titular e editor da revista eletrônica do

Grupo de Trabalho Humor e Quadrinhos do Congresso de Comunicação Intercom.

É professor titular de Língua Portuguesa do Centro de Ensino Superior do Amapá – CEAP e de marketing, publicidade e propaganda e redação jornalística do Sistema de Ensino Superior da Amazônia - SEAMA.

FIM